

O DIABO		MAIS	
TEMPO		TV-GUIA	
O PAIS		SETE	
O JORNAL		ÊXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	
<i>O Dia</i>	-5. NOV. 1985		

## OPINIÃO

## O CANHENHO

— Por Manuel Eduardo Botelho

## «A decepção dos vice-reis»

1 — Porque será que Alberto João Jardim e João Bosco Mota Amaral, presidentes respectivamente dos governos autónomos da Madeira e dos Açores, embora filiados no PSD, que apoia Freitas do Amaral para Presidente da República, não só o não querem como aconselham, muito democraticamente, a abstenção dos eleitores daquelas duas regiões?

Todos nós pagamos, aqui na Metrópole, preços exorbitantes pelos chamados «custos da insularidade» e por mais que imaginemos tratar-se de equívoco o facto de sermos responsáveis por os açorianos e madeirenses terem nascido em ilhas, o facto é que constitucionalmente somos portugueses de segunda e eles, de primeira...

Se um beirão quiser visitar a Madeira e deliciar-se pelos seus hotéis e piscinas, é recebido como turista e paga libras como inglês, ou marcos como suíço ou alemão; ao contrário, se açoriano quiser espreguiçar-se no Algarve na «Praia da Oura» ou madeirense em «Albufeira», terá viagens a preço acessível e Alberto João Jardim a segregar-lhe direitos insulares que ninguém em seu perfeito juízo entende.

Sendo privilegiados no espaço nacional, porque se não de aconselhar açorianos e madeirenses a ficarem em casa no dia de eleições presidenciais, uns a mugirem vacas e outros a explorarem turista? Que fará Jardim e Bosco aconselharem à abstenção, repudiando Freitas do Amaral e não apresentando outra solução que não seja a indiferença, como se as eleições para a Presidência da República nada tivessem a ver com as populações daquelas ilhas do Atlântico?

2 — Tenho para mim que os presidentes daquelas regiões au-

tónomas, escondem esse desejo oculto, ambicioso, subterrâneo e genuinamente ilhéu que é o de serem, obrigatoriamente, escolhidos para Presidentes da República Portuguesa.

Se teoricamente qualquer cidadão português maior de 35 anos, como a eng.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Pintasilgo, pode candidatar-se a Belém, nenhum preceito legal refere a obrigatoriedade de se ter forçosamente nascido em São Miguel ou no Funchal...

A verdade é mais linear, para não dizer objectivamente compreensível; o facto é que Alberto João Jardim dorme há anos o sonho da Presidência e João Bosco possui, desde 1976, esse «tique» que lhe dá a realização, com «guardas de honra», cerimónias recebendo credenciais de embaixadores estrangeiros e conversações, de igual para igual, com Reagan ou Gorbachev...

3 — Ao longo dos últimos anos, quem não leu, por alto, nos jornais, a possibilidade de Jardim, sempre abertamente

dação Cuidar o Futuro



contrariando tudo e todos, ser possível candidato do PSD? Quem não ouviu distraidamente, na televisão, a certeza de ser Bosco o «delfim» de Eanes para a sucessão?

Depois de Sá Carneiro, com um PSD à deriva, um Pinto Balsemão dividido entre o «golfe» e o gabinete, um Ângelo Correia abarcando todas as tendências e um António Capucho

espreitando a desordem e o caos, sem no entanto largar de mão a «máquina» partidária, tudo parecia possível; digamos mesmo que, em cada membro do conselho nacional, se encontrava um potencial candidato à Presidência da República. O PSD era, enfim, o partido dos elegíveis, dos apontados, dos presumíveis, dos indigitados; desde Balsemão a Capucho, de Marcelo Rebelo de Sousa a Mi-

guel Júdice, de Pimentel a Helena Roseta, todos possuíam virtudes natas, capacidades reconhecidas, talentos indiscutíveis. Porque não, portanto, Bosco ou Jardim? Sou mesmo inclinado a afirmar que não se lhes podem assacar culpas pelo facto de aproveitarem todas as reuniões, conselhos ou simples comemorações para aparecerem em Lisboa, declarando subrepticiamente aos órgãos de comuni-

cação social a sua disponibilidade para esse frete de ser-se candidato à Presidência da República; se em Setúbal surgiam queixas pela subida do custo de vida, lá aterrava Jardim a descompor o governo e, se era rezada missa de 7.º dia por alma de político conhecido, lá estava Bosco a comungar...

4 — O desfazer de ilusões dos dois governantes ilhéus começou na Figueira da Foz. Acostumados a serem ouvidos, ninguém lhes ligou; aparecendo como presidenciáveis, caíram no ridículo, a pior e mais seca das situações suportáveis pelo autoconvencimento.

Bem ou mal, com a liderança de Cavaco e Silva, Jardim e Bosco desapareceram da «ribalta» mas, enquanto os outros «presidenciáveis», encolhendo os ombros, se conformaram com a sua sorte, que fizeram os dois vice-reis? Aceitaram democraticamente o resultado das votações partidárias? Não; meteram-se nos respectivos aviões e lá longe, a coberto das montanhas e separados pela água salgada do Atlântico, embora eleitos pelo PSD, foram apregoar aos incautos que o Partido já não é o que era, que estava na mão de loucos...

A razão disso esconderam-na, mas pode imaginar-se qual foi: para que ir buscar um Freitas do Amaral, se existiam ali à mão, um Bosco e um Jardim?...